Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

GRUPO DE PESQUISA *MEANDROS DA SEDUÇÃO*
A SITUAÇÃO ANALÍTICA SOB O DISCURSO SEDUTOR E OS RISCOS AO DESEJO DO ANALISTA

Aislene Daniel Gomes Zaro – aislenezaro@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem por objetivo aprofundar a reflexão em torno do discurso sedutor que emerge na situação analítica e os riscos ao desejo do analista, uma vez que ao tratar dos elementos relativos ao sujeito no que diz respeito a sua alteridade, o efeito metonímico da dinâmica desejante/desejado pode adquirir contornos de poder evulnerabilidade atualizando-se na transferência. Operando de modo sutil e ardiloso a sedução em suas várias manifestações pode deslocar o psicanalista de seu lugar a fim de neutralizar aquilo que o desejo do analista remete, isto é a falta a ser do sujeito.

Palavras-chave: poder e vulnerabilidade, sedução, desejo do analista, situação analítica, angústia.

São Paulo

2023

RESEARCH GROUP: *INTRICACIES OF SEDUCTION*

The analytical situation under the seductive discourse andthe risks to the analyst's desire.

Abstract: The aim of this paper is to deepen the reflection on the seductive discourse that emerges in the analytical situation and the risks to the analyst's desire, since dealing with elements relating to the subject in terms of their otherness, the metonymic effect of the desiring/desired dynamic can acquire contours of power and vulnerability, becoming actualized in the transference. Operating in a subtle and cunning way, seduction, in its various manifestations, can dislocate the psychoanalyst from their place in order to neutralize what the analyst's desire refers to, in other words, the subject's lack of being.

Keywords: power and vulnerability, seduction, the analyst's desire, analytic situation,angst.

A situação analítica sob o discurso sedutor e os riscos ao desejo do analista.

"Quando dois seres falantes se encontram há um princípio de sedução em ação, ele substitui e invoca outra coisa que falta"
Sibony

O termo sedução sugere a ideia da influência sobre uma pessoa mediante gestos, palavras ou ações que pode ou não ter como desfecho a relação sexual, que inevitavelmente passa por uma condição em que um ocupa a posição ativa e outro a passiva. Atento a isso, Freud observa que principalmente o trauma decorrente da sedução funda um lugar originário no discurso da histeria e na neurose obsessiva.

Na carta 69 escrita em 21 de setembro de 1897, destinada à Fliess, Freud em sua auto análise após observar: a debandada de seus pacientes, se surpreender com os pais vienenses pervertidos associados aos casos de histeria, a descoberta de que no inconsciente não há indicações de realidade e por isso não há possibilidade de diferenciar a verdade da mentira, afirma: "*não acredito mais em minha neurótica*", referindo-se ao fato de que as vivências traumáticas, são resultados de fantasias a favor de uma defesa contra os impulsos sexuais despertados ainda na infância, dando novos rumos a teoria da sedução. Freud então, a partir da descoberta da fantasia e do Complexo de Édipo, redimensiona o trauma sob dois aspectos: sendo um, como origem no próprio sujeito e outro não como um fato, mas como um produto da relação com o Outro[1].

Embora Freud priorize a fantasia na técnica, outros teóricos como Ferenczi, considerando esta descoberta se ocupa de ampliar em sua clínica, ao analisar

[1] Isso significa que casos de abusos reais, foram tratados somente no âmbito da fantasia ou ficção? Vale retomar a nota de Rodapé nº 2 da pag. 226 na carta de 17 de janeiro de 1897, onde se trata de uma ambiguidade na tradução, em que sugere uma compreensão de que a partir do termo *"in Dichtung", Freud se refira ao fato de que os acontecimentos reais retornam, na lembrança, disfarçados e distorcidos. São elaborados, porque o recalcamento não lhes permite livre acesso à memoria"*. E ainda nas mesmas correspondências, o Anexo a carta de 02 de Maio do mesmo ano, quando Freud descreve sobre: A Arquitetura da Histeria - "*...As fantasias servem, simultaneamente, à tendencia a aperfeiçoar as lembranças e à tendencia a sublimá-las. São fabricadas por meio de coisas ouvidas e das usadas posteriormente, assim combinando coisas experimentadas e ouvidas, acontecimentos passados (da história dos pais e antepassados) e coisas que foram vistas pela própria pessoa.*" (MASSON, 1986 p. 241)

pacientes perversos confessos de manter relações sexuais com crianças, que experiências traumáticas reais e relacionais, forçam-nas a "crescer antes do tempo" e propõe um espaço psicanalítico como uma espécie de " *"estufa terapêutica" – um lugar seguro aquecido por compreensão e afeto terapêutico e protegido das "intempéries psíquicas" do paciente e do analista*" (KAHTUNI, 2009, p. 325), que embora bem intencionado pode atuar de modo a retraumatizar o paciente.

Lacan, no seminário sobre a angústia, define: "*o desejo do homem é o desejo do Outro*". E, é na tentativa de ser desejado pelo Outro e ter dele sua demanda atendida, que cria no sujeito um desejo contínuo e insaciável, a ponto de se lançar num complexo jogo de sedução, ainda que sob o risco de alienar-se na imagem do que supostamente o Outro deseja.

A relação com o Outro é então, estabelecida a partir de um jogo afetivo complexo, ambíguo, repleto de traumas e fonte de angústia. E se neste jogo opera a sedução, o encontro com o Outro se faz presente e no obstinado movimento de se fazer desejado, pode resultar em um outro que encanta, instiga o desejo e o engodo, como um bebê por exemplo. Em outros termos, a vida nasce vulnerável, desamparada, dependente e permeada pela sedução, por isso, o indivíduo nasce seduzido e seduz, submetido a pulsões, sensações, percepções, ruídos e palavras deum Outro.

A sedução convoca ao laço, inscreve-se no corpo, por meio do estímulo dos sentidos (olhar, toque, paladar, olfato, audição). É importante observar que a audição como veículo da voz favorece a captura do olhar do Outro.

A condição de dependência e desamparo que coloca o sujeito, desde onascimento, sob os cuidados do Outro fundamenta as bases da ética e da moral, issosignifica que, torna possível estabelecer a noção de bem e mal engendrando-se assimuma forma de "contrato social latente" que dinamiza uma lógica de subordinação e transgressão. A cada laço social, o sujeito vivifica esse Outro, por meio das identificações simbólicas e imaginárias, dinamizadas no jogo desejante/desejado.

> "*É muito bonito dizer que a servidão do escravo é prenhe de todo o futuro e leva ao saber absoluto, mas politicamente, isso significa que, até o fim dos tempos, o escravo permanecerá escravo. De vez em quando, é preciso botar a boca no trombone"* (LACAN, 2005, p. 34).

Considerando a leitura da política na psicanálise, no sentido que se refere a alteridade do sujeito, ou seja, ao fato de que é na relação com o Outro que vai operaro movimento de seu desejo, a concepção do encontro com o Outro como fonte de angústia e esta, como um afeto produto deste entroncamento, permite então arriscaruma definição para a sedução como: "*uma operação política na perspectiva do poder e vulnerabilidade, que contribui para brandir o sujeito, que passa a vida envolto pela ambiguidade de seus efeitos, dentre eles: o desejo, o prazer, a castração, o gozo e aculpa."*

À vista disso, o efeito metonímico da dinâmica desejante/desejado, pode adquirir contornos de poder e de vulnerabilidade, posições em que o sujeito não exita em ocupar, sempre na tentativa de dar uma consistência ao Outro por meio de uma demanda a ele atribuída, o que por sua vez governará o circuito pulsional do sujeito.

Na situação analítica é possível escutar no discurso do sujeito a repetição do que Lacan já nos advertiu, embora óbvio, que a análise apresenta traços daquele que é analisado *"..., mas acredita-se dar mostras da audácia ao manifestar interesse pelos efeitos que nela surtiria na pessoa do analista..."*. (LACAN,1988, p.591). Mostras estas, oriundas do atravessamento da contemporaneidade como: os novos modos de acesso a análise, as novas formas de pagamento, a adequação do setting analítico do modelo presencial para a sua prática no modelo virtual, além de considerar a particularidade do estilo de cada analista[2].

É relevante apontar que a atual conjuntura social e econômica, segundo o IBGE, o público em condição de vulnerabilidade de renda, moradia e saneamento,

[2] No livro ***Diário de minha análise com Sigmund Freud***, Smiley Blanton, em 06 de março de 1930, registra as seguintes palavras de Freud: *"Não acredito que seja possível dar os métodos da técnica através de artigos. Precisam ser dados por ensino pessoal. Evidentemente os principiantes precisam de alguma coisa de onde possam partir. Sem isso, ficam sem nada. No entanto, se seguem conscientemente as instruções, logo estarão com problemas. Depois, precisam aprender a suatécnica."*

atinge a marca de 4,5 milhões de habitantes no Brasil em contraste ao 1% da população que detém 30% da riqueza do país, o que afeta a prática psicanalítica no que diz respeito ao seu acesso e no modo como se oferece a escuta.

Freud nos ensina desde a sua invenção, que a psicanálise se dá no encontro e que a palavra como uma tentativa de dar contorno as experiências do sujeito, ao expressá-las verdadeiramente ou não, estas raiam associadas as fantasias e tem algum objetivo alcançar.

Descobre a fantasia, simultaneamente a observação da complexa dinâmica da clínica. Entende que mesmo ao fazer interpretações assertivas, houve debandada de pacientes como cita na já referida carta 69 à Fliess. Não apenas o discurso, mas todo o conjunto da obra: as palavras, chistes, atos falhos, sonhos, a demanda do sujeito se atualiza na transferência e, por vezes são subestimados ou interpretados pelos analistas como algo da complexa condição sócio-econômico-cultural a qual somos inseridos, por isso, vale considerar que o "*desejo se articula em um discurso muito ardiloso"* (LACAN, 1988, p.626).

Na análise o trabalho é compartilhado, onde de um lado está o analista que convoca o sujeito ao discurso, este por sua vez, faz uso da cadeia discursiva e nos meandros da história sobrepõe no contrato analítico o seu contrato social, busca então com o analista uma certa intimidade, burlando pela via da sedução na transferência este contrato e até mesmo a regra fundamental. O que há nesta operação? Como observa Lacan: "*a psicanálise deve ser estudada como uma situação a dois."* (LACAN,1988, p 594).

Há de se levar em conta então que além do discurso, todo e qualquer evento que envolva a situação analítica há de ser observada e questionada: Se a sedução convoca ao laço e a análise à transferência, colocar-se em análise seria uma tentativa de se colocar aos apetites do Outro?

Na análise o sujeito excogita[3] estabelecer com o analista, laços que têm fora da análise. Usa da palavra para subverter a regra fundamental e tenta propor uma relação com o analista: "*Sabe colega…"* diz uma paciente à sua analista ao dar inícioa sessão.

"*Posso tirar o tênis?"* Pergunta um. Outro nem pergunta, num movimento abrupto, friccionando um pé contra o outro já os tira, como se estivesse em casa, assistindo a um filme. Com a diferença que faz de seu discurso o roteiro de uma série e do divã de seu analista um streaming, assim, pouco a pouco, busca colocar o analista como espectador, na tentativa de entretê-lo às cenas rotineiras que se reproduzirem na situação analítica. O que quer este sujeito? Demonstrar o quanto está à vontade com o analista? Ou busca uma conveniente intimidade?

Após fitar a analista de cima abaixo, cumprimenta-a com um longo aperto de mãos e num tom chistoso: "Está toda de preto hoje doutora, é a psicoblack?" diz comum sorriso de canto para a psicanalista que o indica a poltrona, "*mas toda, todinha depreto mesmo doutora?*" persiste por mais algumas vezes, assim como o silêncio de sua analista.

"*Doutora precisamos falar de valores, afinal, como vou te pagar? Com petiscos e cerveja?"* pergunta o paciente sedutor, movimentando-se na poltrona com aquela piscadela dos olhares quarenta e três. Seria esta uma tentativa de amenizar o discursodenso e trágico, pois ao final sinaliza que era somente uma brincadeira? Ou uma tentativa de seduzir a analista para barganhar e assim aceitar o valor módico ao finalde sua proposta? "*A minha parte deve ser em dinheiro*", é a intervenção da analista.

Clarice é atendida semanalmente, faz os pagamentos adiantados. Costuma serpontual, bem articulada, preocupada em sinalizar qualquer intercorrência que inviabilize sua presença. O que há alguns meses acontece pelo menos em uma das sessões, ela falta. É comum entre os analistas o debate sobre a cobrança monetáriadas faltas do analisando nas sessões. Contudo é comum também que o analista façao movimento de "cobrar" pela presença e quando há faltas também há o pagamento,

[3] Definição: criar pela imaginação; cogitar, imaginar, inventar

diferentemente de quando o sujeito paga antecipadamente por ela, sem mesmo questionar. Por que pagar para fazer faltar? Será um meio de não ser questionado de sua falta? De que falta se trata? Será uma forma de imobilizar o analista em sua intervenção, seduzido pelo paciente já "educado" em sua análise?

Madalena chega para a sessão acompanhada pela irmã mais nova, que zelosa faz menção de acompanhá-la em sua primeira entrevista acreditando que ela não saberá se expressar direito. Sem entender muito bem, sozinha, Madalena segue ao encontro da analista e lhe diz que não sabe se deve estar ali sem a irmã, já que é ela quem pagará suas sessões. Questionada, explica que sua família diz que é deficiente mental, sempre a matricularam em escolas de inclusão, se deixava levar fácil pelas conversas e por isso engravidou ainda na adolescência, era faxineira da mãe e destairmã. Além disso, se dedicava aos cuidados do filho e fazia um curso técnico. "*Mesmo assim doutora, eles não acreditam que sou capaz nem de falar por mim*".

Madalena se apresenta como a própria encarnação da vulnerabilidade e, nestecontexto, a paciente tenta seduzir a analista a fim de deslocá-la de seu lugar de escuta, convocando-a ao gozo frente a sua trágica história. É notório que para a existência de um analista deve existir um sujeito que se queixa de um sofrimento, contudo como bem descreve Serge André:

> *"... Convém acrescentar que, diferentemente do médico, do advogado, do juiz ou do padre, que também recebem queixas, o psicanalista, por sua vez, não se condói daquele que se queixa. Ele é* ***insensível****, como diz Ferenczi. Essa apatia diante do sofrimento só pode incitar o psicanalisando a se perguntar o que de sua queixa inspira em seu interlocutor e a supor que ela possa fazê-lo gozar."* (1995, p.19)

Se deixar seduzir por uma demanda e também enviesada pelo discurso sócio-econômico-cultural, pode colocar o ser do analista em jogo na análise, a ponto de comprometer a capacidade de descoberta e elaboração inconsciente do sujeito, defendido no trabalho analítico.

> "*O analista é menos livre naquilo que domina em sua estratégia e a tática, ou seja, em sua política, onde ele faria melhor situando-se em sua falta-a-ser do que em seu ser."* (LACAN, 1988, p 596).

Seduzido e deslocado de seu lugar, o analista instaura com o sujeito uma relação transferencial, assim como se estabelece uma relação afetiva, interpessoal, enfim, de qualquer ordem que não cabe na clínica psicanalítica. Embora o vínculo se faça necessário, este acontece com características de abnegação, que favorece a escuta e a capacidade de interpretação sob a transferência.

A representação do analista nesta equação também é um fator que opera como sedutor, no entanto, com quem o sujeito busca fazer laço - Outro do analista - cabe aeste trabalhar para que ele faça laço com seu próprio desejo, mantendo o máximo dedistância possível do objeto de desejo do sujeito. E é a partir da transferência que se viabiliza o manejo e direção do tratamento.

> "*O psicanalista não se sente obrigado a anestesiar o sofrimento, reparar a injustiça, ou dar à queixa um sentido redentor. Acima de tudo, não está ali para "sofrer junto", para se compadecer. Sua apatia faz oposição ao patos."* (ANDRÉ, 1995 b.)

Há neste motor – da transferência - alguns elementos favoráveis ao manejo, são eles: o dado de realidade, o silêncio, o divã e o dinheiro. Intervir de modo a apresentar o protagonismo real de suas histórias só nos cabe dirigindo/manejando a transferência e não no conteúdo imaginário de seu discurso.

O silêncio por fazer cair no vazio demandas que exigem ser frustradas, retomoLacan:

> *"...Se eu o frustro, é que ele demanda alguma coisa. Que eu lhe responda, justamente.... Essas palavras não são o que ele me pede. Ele me pede... Pelo fato de que sua fala: sua demanda é intransitiva, não implica em nenhum objeto."* (LACAN, 1988, p. 623).

O divã, que tira do sujeito o estímulo do olhar, afastando-lhe da possibilidade de imaginar e tentar responder sedutoramente a este olhar e atender a uma possíveldemanda do analista, uma vez que este se sustenta no lugar da invisibilidade e sua prática se dá no real, não em uma possível atuação.

E por fim o significante dinheiro, que além de um meio de autopreservação e poder, paralelamente tem "*poderosos fatores sexuais envolvidos no valor que lhe é atribuído.*" (Freud, 1913, p. 146), sendo assim, o dinheiro motiva e enxuga o gozo, cifra e decifra o sujeito, tem ainda na análise uma função de anteparo ou "para-gozo[4]"na transferência.

A sedução opera pelas vias mais sutis e ardilosas: a ênfase nos atributos físicos, a manifestação de uma atitude muito cooperativa e empenhada, a tentativa de exercer um controle pelo dinheiro, os elogios e as que parecem mais apetecedoras, as narrativas dramáticas que põe em evidência a vulnerabilidade, a fim de tamponar para o sujeito a sua falta, ainda que para isso subjugue a si e seu desejo. Desta forma, a sedução e suas várias manifestações tentam neutralizar aquilo a que o desejo do analista remete, isto é a falta a ser. Numa adaptação à frase em epígrafe de Syboni para a situação analítica, temos neste encontro entre os dois seres falantes: o analista o ser que cala, assim ele não desperta o princípio da sedução, não invoca a falta, poisela já está ali.

[4] Cf. Quinet, Antônio. "Capital e Libido".

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Serge – **Impostura Perversa**; Serge André; tradução, Vera Ribeiro; revisãotécnica, Manoel Barros da Motta – Rio de Janeiro – Jorge Zahar, 1995.

BAUDRILLARD, Jean – **Da Sedução**; Tradução Tânia Pellegrini – Campinas – São Paulo – Ed. Papirus, 1991. 4ª Edição – 2001.

BLANTON, Smiley - **Diário de minha análise com Sigmund**; notas biográficas e comentários Margaret Gray Blanton, Introdução de Iago Galdston, tradução de Dante Moreira Leite. – Ed. Nacional, 1975.

SIBONY, Daniel – **Sedução: O amor inconsciente**; Tradução Vera Lúcia Ribeiro daSilva – Ed. Brasiliense – São Paulo, 1991.

FREUD, Sigmund – **"A Dinâmica da Transferência"** e **"Sobre o Início do Tratamento"** (Novas Recomendações sobre a Técnica da Psicanálise I) – VOL XII: O Caso Schreber, Artigos sobre Técnica e outros Trabalhos (1913-1914) – Rio de Janeiro – Imago, 1996.

HOUAISS, Antônio - **Pequeno dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. InstitutoHouaiss de Lexicografia, [organizador]; [diretores Antonio Houaiss, Mauro deSalles Villar, Francisco Manuel de Mello Franco] – 1º Edição - São Paulo: Moderna, 2015.

KAHTUNI, Haydée Christinne – **Dicionário sobre o pensamento de Sádor Firenczi: uma contribuição ao pensamento psicanalítico contemporâneo**; Haydée Christinne Kahtuni, Gisela Paraná Sanches. Rio de Janeiro, Elsevier; São Paulo – FAPESP - 2009.

LACAN, Jacques – (1962/1963) **O Seminário, livro 10: A Angústia** – Texto estabelecido por Jacques Alain Miller, Versão final: Angelina Harari;

Tradução Vera Ribeiro; Preparação de Texto: André Telles – Rio de Janeiro – Zahar, 2005.

LACAN, Jacques – **"A direção do tratamento e os princípios de seu poder"** - Escritos/Jacques Lacan; Tradução Vera Ribeiro – Rio de Janeiro – Zahar, 1998.

LAPLANCHE, Jean – **Vocabulário de Psicanálise** – Laplanche e Pontalis; sob direção de Daniel Lagache; Tradução Pedro Tamen – 4ª edição – São Paulo – Editora Martins Fontes, 2001.

MASSON, Jefrey Moussaieff – **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess** – 1887-1904; Jeffrey Moussaieff Masson; Tradução: Vera Ribeiro – Rio de Janeiro; Editora Imago, 1986.

MILLER, Jacques Allain – **O Desejo de Lacan** – Seminário de Jacques Alain Miller; texto revisado pelo autor; pronunciado em julho de 1991, no III Encontro do Campo Freudiano do Brasil – Uma publicação da Escola Brasileira dePsicanálise do Campo Freudiano Seção Bahia – Edição Biblioteca do Campo Freudiano na Bahia; Editoração Eletrônica: DBC Artes Gráficas.

ROUDINESCO, Elizabeth, 1944 – **Dicionário de Psicanálise** – Elizabeth Roudinesco; Michel Plon; Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antônio Coutinho Jorge – Rio de Janeiro – Editora Zahar, 1998.

QUINET, Antônio – **As 4+1 Condições de Análise** – Rio de Janeiro – Jorge Zahar, 1991.